

# Economia.

**União deve abrir mais de 41 mil vagas em concursos**  
Pág. 34

EDITORA:  
**ELAINE SILVA**  
ecferreira@redgazeta.com.br  
Tel.: 3321.8327  
agazeta.com.br/dinheiro  
gazetadineiro

## LADEIRA ABAIXO

# ECONOMIA ENCOLHE RECESSÃO À VISTA

PIB registrou recuo de 0,6% no segundo trimestre deste ano

## SINAL DE ALERTA LIGADO

### NO VERMELHO

Um período de dois meses com recuo do PIB significa que a economia entrou em recessão técnica

Alguns setores, no entanto, tiveram crescimento. Veja os altos e baixos

### O QUE FOI BEM



Consumo das famílias

**0,3%**



Agropecuária

**0,2%**

No 2º trimestre frente ao 1º trimestre deste ano

**PIB -0,6%**

### O QUE FOI MAL



Investimentos

**-5,3%**



Indústria

**-1,5%**



Consumo do governo

**-0,7%**



Serviços

**-0,5%**

A Gazeta | Editoria de Arte | Genildo

### RIO DE JANEIRO

A economia brasileira registrou recuo de 0,6% no segundo trimestre, na comparação com os três primeiros meses do ano, informou o IBGE, ontem. A mediana de 41 projeções compiladas pela Bloomberg era de que o Produto Interno Bruto (PIB, soma de bens e serviços produzidos no país) tivesse queda de 0,4%.

Em relação ao segundo trimestre do ano passado, o recuo foi de 0,9%. Nesse tipo de comparação, os analistas esperavam contração de 0,6%. No primeiro trimestre, o desempenho foi revisado de avanço de 0,2% para recuo de 0,2%, o que caracteriza um quadro classificado pelos economistas como recessão técnica.

A última vez que o Brasil registrou uma recessão técnica foi no último trimestre de 2008 e primeiro de 2009, na esteira da crise internacional. A economia registrou recuo de 4,2% e de 1,7% respectivamente, na comparação com o trimestre anterior. Apesar de mais forte, ela foi rápida e, no segundo trimestre de 2009, o PIB já crescia 1,9%.

O IBGE, porém, é caute-

loso ao comentar o assunto e diz que só considera avanço ou contrações a partir de 0,5%: “Essa queda de 0,2% (do primeiro trimestre), a gente nem considera, porque o dado pode ser revisado. O recuo de 0,6% (do segundo trimestre), sim”, disse Rebeca Palis, gerente de Contas Nacionais do IBGE.

Analistas apontaram a queda do investimento – a mais acentuada desde o auge da crise econômica, em 2009, como o pior indicador das contas nacionais divulgados pelo IBGE. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, atribuiu o resultado ao cenário internacional, ao menor número de dias úteis devido aos feriados da Copa do Mundo e a seca.

A divulgação do desempenho da economia no segundo trimestre aconteceu no mesmo dia em que o Banco Central divulgou que União, estados, municípios e estadais gastaram mais do que arrecadaram pelo terceiro mês seguido: foi a primeira vez na História que isso ocorreu. O déficit primário foi de R\$ 4,7 bilhões em julho.

Em 12 meses, a economia registra avanço de

1,4%. Com o recuo de 0,2% frente ao primeiro trimestre, o PIB brasileiro ficou em R\$ 1,271 bilhão entre abril e junho.

O economista Andrei Spacov, da Gávea Investimentos, diz que, à semelhança de 2009, quando o país também atravessou uma recessão, a economia enfrenta uma crise de confiança de empresários, mas, agora, o emprego está melhor, as pressões são domésticas e as retrações menos intensas que naquele ano.

“Vínhamos de um crescimento mais moderado e tivemos um tropeço. O PIB foi a confirmação dos dados mais fracos que já tínhamos da indústria e da Copa, que retirou dias úteis”, afirma.

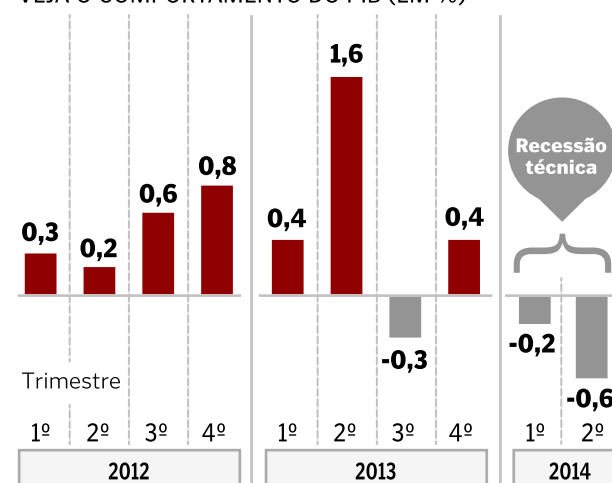
### OUTRAS REVISÕES

Além de revisar o desempenho do primeiro trimestre de 0,2% para -0,2%, o IBGE refez os cálculos de outros períodos, sempre na comparação com o trimestre anterior. Para o quarto trimestre, o cálculo passou a indicar alta de 0,5%, e não de 0,4%. Já o terceiro trimestre passou a registrar queda acentuada, de 0,6%, e não de 0,3%, conforme antes indicado.

## Brasil pode cair no ranking

“A Índia pode ultrapassar o Brasil em tamanho de economia antes do previsto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Nas projeções do órgão, o país asiático superaria a economia brasileira em 2018. Hoje, o Brasil é a 7ª maior economia do mundo, enquanto a Índia figura na 10ª colocação.”

### VEJA O COMPORTAMENTO DO PIB (EM %)



A Gazeta | Editoria de Arte | Genildo

## ANÁLISE

### Resultados revelam equívocos da política econômica

“O desempenho do PIB revela como uma interpretação equivocada sobre a política econômica para o crescimento de um país produz estragos. Política Econômica – fiscal e monetária – é instrumento de estabilização da economia. O que significa que seu papel é evitar que a ela se desvie do rumo do crescimento

sustentável. Cabe-lhe construir um ambiente econômico que permita aos agentes identificarem as oportunidades de negócios e daí planejar e efetuar seus investimentos. Assim, é responsável pelas informações que definirão a credibilidade no longo prazo – momento em que as decisões do pre-

sente têm seus resultados. A política econômica seguiu o caminho inverso. Atropelou os fundamentos da economia. Os resultados do PIB são a resposta aos equívocos dessa estratégia de política econômica.

—  
**ARILDA TEIXEIRA**  
DOUTORA EM ECONOMIA E  
PROFESSORA DA FUCAPE

## LADEIRA ABAIXO

# Desigualdade freia crescimento

**PIB negativo resulta de disputa por incentivos e falta de preocupação com gastos do Estado**

LETÍCIA GONÇALVES  
lgoncalves@redgazeta.com.br

Se o resultado do PIB no segundo trimestre deste ano é negativo, para o doutor em economia Marcos José Mendes, enquanto o país estiver entre os mais desiguais do mundo, esse é um quadro que não vai mudar muito.

Autor do livro "Por que o Brasil cresce pouco?", Mendes sustenta que a desigualdade social impulsiona uma disputa por recursos e incentivos do Estado, que os concede sem se preocupar em como os gastos decorrentes disso afetam a economia.

Ele não fala apenas de benefícios para os segmentos mais pobres da população, como o Bolsa Família, mas também de benesses concedidas ao setor priva-



MARCELO PREST

“É preciso reformular a política monetária, a política fiscal e repensar a de incentivo ao investimento (...) Quem governar o país terá que quebrar os ovos para fazer o omelete”

MARCOS MENDES  
ECONOMISTA

do sem um critério claro.

“Não dá para subsidiar todo mundo. O governo acaba subsidiando só uma parte da economia e isso cria assimetrias entre os investidores, entre aqueles que têm acesso a fundos

subsidiados do governo e os que não têm. Isso cria muita incerteza sobre se esse benefício vai ser mantido e baixa o grau de competitividade daqueles que não têm”, afirma o economista.

Mendes foi o palestrante

de um evento do Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (Ibef-ES), ontem, na Rede Gazeta, em Vitória.

Em uma sociedade menos desigual, as demandas seriam mais parecidas, sem o conflito que faz aumentar

a carga tributária para atender a diversos interesses.

“Os muito pobres recebem assistência social; os muito ricos, subsídios para os seus investimentos; e a classe média quer uma aposentadoria acima de suas contribuições. É preciso criar mecanismos que reduzam a desigualdade sem prejudicar o crescimento”, alerta Mendes, que também é consultor do Senado na área de finanças públicas.

Ele diz que a desigualdade já caiu no país, mas tem que diminuir ainda mais. “O Brasil é o 11º país mais desigual do mundo, de acordo com o índice de Gini”, destaca Mendes.

## PIB

O objetivo somente seria alcançado a longo prazo. Mas o PIB, hoje, já poderia ser maior. “Tanto que outros países da América Latina que enfrentam a mes-

ma crise internacional estão crescendo mais que o Brasil”, frisa o economista.

“Houve um desajuste fiscal muito grande, um desajuste na política monetária, uma aposta do governo no sentido de puxar a economia por meio do estímulo ao consumo e o subsídio ao investimento das empresas, que não deram certo”, explica.

Quem assumir o governo federal no próximo ano terá muitos desafios. “É preciso reformular a política monetária, reformular a política fiscal e repensar a política de incentivo ao investimento”, pontua. “Sempre que o governo quer cortar alguma despesa, forma-se também um lobby daqueles que vão perder com a medida, farão barulho. Mas esse é um processo normal nas democracias e quem for governar com uma visão de longo prazo terá que quebrar os ovos para fazer o omelete”, diz.

## AS 7 LIÇÕES QUE OS PAÍSES QUE CRECEM PODEM NOS ENSINAR

Ainda que não haja receita única para o crescimento econômico, algumas lições poderiam ajudar a potencializar a expansão do Brasil. Veja 7 lições:

**1 Poupar e investir.** Ter dinheiro guardado é uma estratégia de Índia, Indonésia e China. Os governos desses países tentam garantir que não haverá grandes déficits

nas contas públicas (gastos maiores que a arrecadação). Com as contas equilibradas, a tendência é que a economia como um todo fique estável.

**2 Economia aberta e competitiva.** Os países do leste asiático, principalmente China e Indonésia, estimularam a

competição das empresas no exterior.

**3 Facilitar investimentos.** Atrair empresas privadas é uma lição que vem sendo seguida por vários países e que tende a abrir caminho para a expansão.

**4 Educação.** O fortalecimento da

educação é importante por fazer com que as empresas estrangeiras também passem a contratar mão de obra local. Além de Japão e Indonésia, o Chile é um exemplo.

**5 Economia diversificada.** Junto com Malásia, Indonésia e Nigéria, a Turquia é apontada como “um dos países do

futuro”, e está conseguindo isso por meio da diversificação da economia, aumentando os tipos de produtos exportados e o número de destinos das vendas, além de diminuir a dependência da Europa.

**6 Inovação.** Tentando seguir o modelo de investimento da Coreia do

Sul e Japão, a Malásia baseia o crescimento em inovação e empreendedorismo.

**7 Mudar mesmo crescendo.** Um país que olha para o futuro para criar prosperidade, a Arábia Saudita investe em diversificação da economia, investimento massivo em infraestrutura e em Educação.

## Espírito Santo tem avanço de 1,8%

RITA BRIDI  
rbridi@redgazeta.com.br

Enquanto a economia brasileira teve recuo de 0,6% no segundo trimestre do ano, em comparação aos três meses anteriores, o PIB do Espírito Santo teve crescimento de 1,8%. No acu-

mulado do ano, o crescimento da economia capixaba foi de 1,1%.

Os números foram divulgados pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Segundo o presidente do instituto, José Edil Benedito, o resultado positivo muda o quadro de

acumulado negativo para dado positivo.

“Os números nos levam a crer que a nossa economia dá os primeiros sinais de vigor e os dados positivos representam a retomada do crescimento”, explicou Edil.

De acordo com sua

avaliação, a tendência é de resultados ainda melhores para o próximo trimestre, uma vez que os números divulgados ainda não incluem o impacto positivo da entrada em operação de novos empreendimentos em solo capixaba.

Dos 17 itens analisados pelo IJSN para a apuração do PIB do trimestre, 11 registraram desempenho positivo, com destaque para a indústria extrativa, que foi alavancada pelo setor de petróleo e gás.

Em relação ao mesmo período de 2013, o aumento foi de 2,1%. Já no dado anualizado (úl-

timos quatro trimestres), o resultado estadual foi de 0,4%.

A expectativa do PIB nominal do Estado do Espírito Santo (em valores acumulados dos últimos quatro trimestres), que era de R\$ 111,3 bilhões, em 2013, alcançou a cifra de R\$ 115,9 bilhões no segundo trimestre de 2014.

## É RECESSÃO OU NÃO É?

“Não acredito que estejamos numa recessão”

GUIDO MANTEGA  
MINISTRO DA FAZENDA



“A leitura do segundo trimestre e a revisão do primeiro trimestre significam que o Brasil está em recessão técnica”

FITCH  
AGÊNCIA DE CLASSIFICAÇÃO DE RISCOS, EM RELATÓRIO

“Está muito claro que o Brasil não conseguirá cortar impostos e as desonerações que foram feitas deverão ser revistas”

REGINALDO NOGUEIRA  
PROFESSOR DE ECONOMIA DO IBMEC

“As taxas são bastante diferentes. As quedas de 2008 e 2009 são bastante pronunciadas”

REBECA PALISA  
GERENTE DO IBGE, QUE REFUTOU A COMPARAÇÃO COM A RETRAÇÃO NA VIRADA DE 2008 PARA 2009